



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS- CSHNB  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CLEOVAN DE SOUSA FERREIRA

**FRANCISCO SANTOS ENTRE A LITERATURA E A MEMÓRIA:**  
Práticas cotidianas na “terra dos espiritados” nas décadas de 1960 e 1970.

PICOS-PI  
2017

CLEOVAN DE SOUSA FERREIRA

**FRANCISCO SANTOS ENTRE A LITERATURA E A MEMÓRIA:**

Práticas cotidianas na “terra dos espiritados” nas décadas de 1960 e 1970.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

## FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

**F383f** Ferreira, Cleovan de Sousa

Francisco Santos entre a literatura e a memória: práticas cotidianas na "terra dos espiritados" nas décadas de 1960 e 1970 / Cleovan de Sousa Ferreira. – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (46 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2018.

Orientador(a): Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

1. Cidade-Memória. 2. Práticas Cotidianas. 3. Literatura. I. Título.

**CDD 981.22**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

#### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos seis (06) dias do mês de dezembro de 2017, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **CLEOVAN DE SOUSA FERREIRA** sob o título **Francisco Santos entre a literatura e a memória: Práticas cotidianas na “terra dos espiritados” nas décadas de 1960 e 1970**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinadora 1: Profª. Ms. Carla Silvino de Oliveira  
Examinador 2: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,5.

Picos (PI), 06 de dezembro de 2017.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinador (a) 1: Carla Silvino de Oliveira  
Examinador (a) 2: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Dedico este trabalho a Deus que sempre me fortaleceu e não me deixou fraquejar durante esta caminhada. Dedico a minha mãe Antônia que sempre esteve ao meu lado, e a meu pai Antônio pelo apoio. Dedico a todos meus amigos e familiares que sempre estiveram comigo.

## AGRADECIMENTOS

O caminho que trilhamos com alguém nos dando força e apoio fica bem mais fácil de ser percorrido, agradecer aqueles que estiveram ao meu lado nessa caminhada torna-se primordial.

Agradeço primeiramente ao autor da minha vida, aquele que me concedeu força, coragem, sabedoria e discernimento para concluir mais essa etapa. Deus, muito obrigado por tudo.

Agradeço a minha mãe Antônia pelo carinho e dedicação que tens por mim, e por estar sempre ao meu lado nos momentos mais árduos, e a meu pai Antônio pelo apoio e incentivo.

Agradeço de modo especial as minhas amigas Crislane, Elayne, Ana Thaise, e Maria Leiane. Obrigado minhas amigas por todo carinho, companheirismo e por estarem sempre ao meu lado nos momentos que precisei, a amizade de vocês foi o melhor presente que a graduação me concedeu.

Agradeço as minhas amigas Regivalda Sousa, Gabriela, Pedrinalva, Winne e Dayana pela amizade e pela consideração, e aos meus amigos Jonathan Rosa e William Mendes pela força e amizade de sempre.

Agradeço a todos meus amigos e amigas de graduação, com os quais pude contar ao longo dessa etapa.

Agradeço aos meus amigos e companheiros do “busão”, obrigado pela amizade e pelos risos partilhados ao longo desses anos.

Agradeço a professora Karla Ingrid e ao professor José Petrucio orientadores do Projeto de Extensão “Restauração de documentos e preservação da memória do exército brasileiro na cidade de Picos-PI”, profissionais excelentes que tão bem coordena o projeto. Este foi bastante enriquecedor para minha formação enquanto graduando e pesquisador.

Agradeço as minhas companheiras Maíra, Roberta Aurení, Tânia, Lívia, Kércia e Daniela, pessoas com as quais tive o privilégio de conviver todas as sextas-feiras no Projeto de Extensão.

Agradeço a cada um dos professores pelos quais passei ao longo da minha formação desde a infância a graduação.

Agradeço aos meus entrevistados: João Bosco, Rosa Isaura, Carleusa Santos, Lenite Maria, Rosa Carvalho e Antônio Borges. A vocês meu muito obrigado, suas memórias e relatos foram fundamentais para construir este trabalho.

Agradeço a Socorro, Raiane, Deusilene e Noé, meus amigos e companheiros de trabalho. Obrigado pela compreensão e por cobrirem minha ausência sempre que precisei.

Agradeço ao meu orientador por toda dedicação, paciência e pela amizade que teve comigo ao longo dessa caminhada. Professor Dr. Raimundo Nonato Lima, dos Santos, muitíssimo obrigado por tudo, tens meu respeito e admiração.

A todos que contribuíram de forma direta e indireta para a realização deste trabalho, meu muito obrigado.

Eu fortaleço você, eu o ajudo e o sustento  
com minha direita vitoriosa.

**Isaías 41: 10**

## RESUMO

O trabalho que tem como título Francisco Santos entre a literatura e a memória: práticas cotidianas na “terra dos espiritados” nas décadas de 1960 e 1970, faz um estudo sobre as práticas cotidianas dessa pequena urbe piauiense. Este trabalho traz uma abordagem sobre a cotidianidade do povo franciscossantense, destacando aspectos religiosos, culturais e sociais. Tal pesquisa faz uma análise da cidade de Francisco Santos e das práticas cotidianas de seus moradores nas décadas de 1960 e 1970 a partir do uso de fontes literárias e dos relatos orais dos sujeitos históricos. Para construção deste trabalho utilizamos como metodologia a história oral, com reflexões embasadas a partir de Sônia Freitas (2000). Utilizamos ainda fotografias do cervo pessoal da Unidade escolar Santa Filomena, dados do Livro de Tombo, crônicas, poesias, cordéis e livros de memorialistas da cidade. No nosso referencial teórico utilizamos Roberto Lobato Corrêa (2000), Michel de Certeau (2008), e Raquel Rolnik (1995), dentre outros autores, que foram imprescindíveis para nossa escrita.

**Palavras-chave:** Cidade. Literatura. Memória. Práticas cotidianas.

## **ABSTRACT**

The work entitled "Between literature and memory: a representation of the land of the espiritados in the 1960s and 1970s - reviving daily practices of the city of Francisco Santos", makes a study on the daily practices of this small city of Piauí. This work brings an approach on the daily life of the Franciscan people emphasizing religious, cultural and social aspects. This research makes an analysis of the city of Francisco Santos and the daily practices of its residents in the 1960s and 1970s from the use of literary sources and oral accounts of historical subjects. For the construction of this work we use as oral history methodology, with reflections based on S nia Freitas (2000). We also used photographs of the personal deer of the Santa Filomena School Unit, data from the Book of Tombo, chronicles, poetry, cords and memorialist books of the city. In our theoretical reference, we used Roberto Lobato Corrêa (2000), Michel de Certeau (2008), and Raquel Rolnik (1995), among other authors, who were essential for our writing.

**Keywords:** City. Literature. Memory. Daily practices.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

FIGURA 01: Fotografia atual da Cruz ao Velho .....	24
FIGURA 02: Apresentações do Pastoril no presépio público. Década de 1980.....	35

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 UM OLHAR SOBRE FRANCISO SANTOS: pensando a cidade de Francisco Santos e suas práticas cotidianas a partir da literatura e da memória.....</b>	<b>15</b>
2.1. O lugar Francisco Santos .....	16
2.2. Fé e devoção de um povo: aspectos e manifestações do catolicismo em Francisco Santos.....	20
2.3. A arte da compra e da venda: o comércio em Francisco Santos.....	25
2.4. Educação em Francisco Santos nas décadas de 1960 e 1970. ....	28
<b>3 A CULTURA DE UM POVO: as manifestações culturais na cidade de Francisco Santos.....</b>	<b>31</b>
3.1. As apresentações de Lindô e os Dramas.....	32
3.2. A Lapinha ou Pastoril.....	35
3.3. O Reisado como manifestação cultural popular em Francisco Santos.....	38
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho em questão intitulado Francisco Santos entre a literatura e a memória: práticas cotidianas na “terra dos espiritados” nas décadas de 1960 e 1970, tem por objetivo fazer uma análise dos aspectos cotidianos dessa pequena urbe piauiense, destacando aspectos religiosos, culturais e sociais, no referido período.

Desde que começamos nossa licenciatura em história o grande dilema que nos permeia é qual objeto de estudo escolher para a realização do nosso trabalho de conclusão de curso. Até o terceiro período não tínhamos nem um norte sobre qual objeto de estudo se debruçar, foi justamente nesse período, ao pagar a disciplina de “Cidades e História”, ministrada pelo professor Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos<sup>1</sup>, que surgiu o interesse pela discussão de cidades, a partir de então decidimos trabalhar com essa temática.

O recorte espacial escolhido – a cidade de Francisco Santos – se deu pelo desejo de analisar e compreender como e quais eram as práticas cotidianas na cidade nas primeiras décadas após sua elevação oficial à categoria de município, haja vista que sua instalação se deu oficialmente no dia 24 de dezembro de 1960.

Além do mais, em algumas conversas informais com moradores mais antigos da cidade, costumeiramente se ouve relatos de que, “antigamente na cidade havia muitas manifestações culturais que hoje já foram extintas”, “antigamente a cidade de Francisco Santos era assim”, “antigamente o povo fazia isso”. Como era a cidade de Francisco Santos no passado? Quais práticas cotidianas e manifestações culturais eram essas? Para respondermos a esses questionamentos e construir uma imagem da cidade, analisaremos os relatos orais dos moradores de Francisco Santos e da literatura local, principalmente as obras de João Bosco da Silva<sup>2</sup> que se referem justamente as décadas de 1960 e 1970, descrevendo suas práticas cotidianas no período em estudo.

Foi a partir desta curiosidade não apenas como historiadores/pesquisadores, mas também como habitantes desta cidade e desconhecedores do seu passado, que nos lançamos em pesquisar a cidade de Francisco Santos nas referidas décadas. Para tanto discutiremos nesta pesquisa práticas cotidianas como educação, religião e comércio. Propomos também uma representação do passado, onde destacaremos as manifestações culturais que existiam nas décadas de 1960 e 1970.

---

<sup>1</sup>Doutor em História – UFPE. Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq "Cidade, Tempo e Espaço". Assessor de Ações de Extensão e Cultura - UFPI/CSHNB. Coordenador de Área de História do Pibid - UFPI/CSHNB. Coordenador do Projeto de Extensão TEMPUS (Teatro Experimental Universitário em Estudos Históricos).

<sup>2</sup>Poeta e escritor franciscossantense autor de vários contos, crônicas e cordéis.

Escolhida a temática para estudo, outra questão pertinente foi: onde conseguiríamos fontes para construção desta pesquisa? E foi lendo as obras de João Bosco da Silva, autor de contos, ensaios, cordéis, poesias e outros gêneros, que nos sentimos instigados a ir mais além da leitura, decidimos usar suas obras literárias para analisarmos como a cidade era apresentada nos escritos literários, bem como as produções de outros poetas e escritores locais. Percebemos que ele descreve várias práticas cotidianas da cidade de Francisco Santos dentro do recorte temporal de 1960 a 1970 condizente com nosso estudo, e isso nos instigou a buscar mais detalhes sobre a cidade nessas décadas.

Ao longo da nossa graduação percebemos que a literatura se constitui como uma fonte histórica, possível de se construir pesquisas a partir de sua análise. Sendo assim, é preciso destacar que a cidade de Francisco Santos é riquíssima quanto a sua literatura popular com diversas pessoas que se dedicam ao cordel, ao verso, a poesia. Este trabalho nos possibilitou enxergar a relação de intimidade existente entre a literatura e a história. As obras literárias nos permitem, por exemplo, analisar e compreender uma sociedade, pois é fato que a literatura possui duas dimensões: histórica e social. A característica da literatura de possibilitar a compreensão de uma sociedade ou de um grupo específico, já vem desde as sociedades primitivas como assegura Antônio Cândido:

A poesia das sociedades primitivas permite avaliar a importância da experiência cotidiana como fonte de inspiração, sobretudo com referência às atividades e objetos fortemente impregnados de valor pelo grupo. A medida que fala deles, o poeta assegura a sua posição de intérprete, num sentido que a nós poderia frequentemente parecer anestético. (CÂNDIDO, 2006, p. 40).

Dentro dessa perspectiva nossa pesquisa se pauta na análise de produções literárias: contos, crônicas, poesias e cordéis que trazem em sua essência a cidade de Francisco Santos, sua gente, seu povo e aspectos relacionados à cultura, religião, educação e comércio. Outra fonte utilizada foram os relatos e depoimentos orais dos habitantes da cidade, a partir das informações recolhidas das fontes orais por meio de entrevistas, questionários e conversas informais. Após a coleta das informações, fizemos uma análise comparativa com a literatura, buscando perceber quais são os pontos divergentes entre a memória do povo e a visão dos literatos.

Para compreender a cidade a partir da memória de seus moradores, torna-se de suma importância o uso das fontes orais, dessa forma a história oral foi imprescindível para a realização deste trabalho. Sobre a história oral argumenta Sônia Freitas:

[...] é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. Definida por Allan Nevis como “moderna história oral” devido ao uso de recursos eletrônicos, a história oral é técnica e fonte, por meio das quais se produz conhecimento. (FREITAS, 2002, p. 19).

Tendo em vista que através de conversas informais e também com a realização de entrevistas, onde os sujeitos entrevistados podem narrar suas experiências e lembranças de Francisco Santos das décadas de 1960 e 1970 pudemos (re) construir todo um passado que os moradores da cidade guardam na sua memória. Le Goff (2003) entende a memória como a capacidade de conservar certas informações, “graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 423).

Sobre as pessoas entrevistadas, as quais nos ajudaram, através de suas memórias e relatos a construir esse trabalho, foram seis, sendo dois homens e quatro mulheres. São eles: João Bosco da Silva, 72 anos, aposentado, poeta e escritor, hoje reside na capital Teresina, e dedica-se em escrever poesias, contos e crônicas; Rosa Isaura Santos, 63 anos, aposentada e poetisa, atualmente dedica-se em prestar serviço na igreja, onde é membro ativa; Maria Carleusa dos Santos Batista de Carvalho, 65 anos, aposentada, atualmente reside em Picos; Rosa de Lima Carvalho, 61 anos, aposentada, exerce funções na igreja e é membro do Apostolado da Oração; Lenite Maria da Rocha Sales, 72 anos, aposentada, também se dedica a servir na igreja; Antônio Borges de Moura, 95 anos, aposentado, ultimamente pela idade não se dedica a nenhuma atividade.

Sobre a fundamentação teórica deste trabalho, nossa discussão foi embasada pelos estudos de Roberto Lobato Corrêa (2000), o qual faz reflexão sobre o que é, e como se constitui o espaço urbano. Este, para o autor, é algo articulado e fragmentado, onde há diferentes núcleos e diferentes processos sociais, definindo o espaço como “um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engrenadas por agentes que produzem e consomem espaço” (CORRÊA, 2000, p. 11); Raquel Rolnik (1995) trazendo a ideia de cidade como ímã, um campo magnético que atraí, reúne e concentra homens. Para Rolnik “a cidade é antes de mais nada um ímã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia” (ROLNIK, 1995, p. 13); Michel de Certeau (2008), nos fazendo pensar em “A invenção do cotidiano” a cidade como escrita e seus moradores como escritores; Sônia Freitas (2002), nos propõe uma reflexão aprofundada no que diz respeito à relação entre história oral e memória; Ecléa Bosi (2003), nos permitindo explorar o campo de experiência pessoal com os eventos cotidianos, registrados na lembrança. Bosi (2003) que nos propõe que

há uma história construída ao longo da vida, a partir das experiências do dia-a-dia; Michael Pollak (1989), o qual faz reflexões acerca da memória, apontando esta como sendo uma constituição de acontecimentos, pessoas, personagens e lugares. Pollak (1989) destaca que os acontecimentos podem ter sido vividos pessoalmente, ou vivido pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencer.

Este trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo intitulado **“Um olhar sobre Francisco Santos: pensando a cidade de Francisco Santos e suas práticas cotidianas a partir da literatura e da memória”** foi feita uma abordagem sobre as práticas cotidianas dos cidadãos nesse período. No segundo capítulo intitulado **“A cultura de um povo: manifestações culturais na cidade de Francisco Santos nas décadas de 1960 e 1970”** dedicamo-nos em abordar as formas de manifestações culturais existentes nessas décadas.

## **2. UM OLHAR SOBRE FRANCISCO SANTOS: Pensando a cidade de Francisco Santos e suas práticas cotidianas a partir da literatura e da memória**

Nas primeiras páginas de sua obra<sup>3</sup> o poeta e escritor João Bosco da Silva, começa por explicar o que é a crônica, que para ele, pode ser definida como um relato mais ou menos raso, dos fatos do cotidiano. São com base nesses relatos e fatos que buscamos analisar quais eram as práticas cotidianas e como era o modo de viver do povo franciscossantense nas décadas de 1960 e 1970. Essa análise será feita a partir dos escritos literários e da memória, que os habitantes da cidade têm sobre essas épocas.

Para fazermos uma análise de Francisco Santos a partir da sua literatura local, é de suma importância estabelecermos um paralelo com a obra “Literatura como missão” escrita por Nicolau Sevcenko (2003), se este, utiliza-se da literatura como fonte documental para analisar a sociedade brasileira no período da Primeira República, nós neste trabalho utilizaremos a literatura para fazer uma análise da cidade de Francisco Santos e de suas práticas cotidianas nas décadas de 1960 e 1970. O autor para produzir sua obra utilizou-se das crônicas, contos e romances, em nosso trabalho além das crônicas e dos contos, utilizaremos o cordel e a poesia. Assim como Sevcenko pretendemos mostrar que a literatura configura-se como um documento riquíssimo para compreender a história.

Uma das principais fontes literárias local que iremos utilizar são obras do poeta e escritor João Bosco da Silva, dessa forma, faz-se necessário apresentá-lo. João Bosco da Silva nasceu no antigo povoado Jenipapeiro, hoje Francisco Santos, no dia 9 de novembro de 1944, em um local chamado alto do Trapiá. Quando menino seus pais sonhavam que ele estudasse medicina, porém acabou fazendo o curso de letras, o mais clássico na época, despertando assim o interesse pela literatura. Sua primeira experiência com a escrita foi um romance publicado em 1965-1966, produção esta que venceu um concurso literário da prefeitura de Teresina no ano de 1993, anos depois em outro concurso, foi premiado com o livro Geralho. No ano de 2006 ganhou o concurso de outra fundação da cidade de Teresina. No ano de 1985, compôs o hino da cidade de Francisco Santos, a pedido da prefeita, o hino seria apresentado na festa de 25 anos do município. Com a preocupação de deixar fontes escritas sobre a cidade, para que as gerações futuras pudessem compreendê-la, João Bosco produziu vários livros que mostram a essência da cidade de Francisco Santos.

---

<sup>3</sup> SILVA, João Bosco da. **Jenipapeiro: a terra dos Espritados**. Teresina-PI: gráfica Halley, 2010. Esse livro constitui-se como um memorial geopolítico. O livro é composto por crônicas e contos.

Neste trabalho pretendemos trabalhar com práticas cotidianas, e isso implica trabalhar com particularidades, detalhes e minúcias. Sendo assim, as crônicas contidas na obra de João Bosco da Silva, que serão utilizadas para a construção deste trabalho, são de suma importância, pois são testemunho da vivência, do modo de ser e dos costumes do povo da cidade de Francisco Santos, dentro desse recorte temporal escolhido:

As crônicas aí estão para dar conta dos conflitos, lutas, costumes, normas, lendas e tradições da vida associativa de um povo [...] algumas de caráter pessoal, o que vem típica, através do testemunho de nossa vivência e atuação, o modo de ser e de viver de outras pessoas e famílias, bem como certos usos e costumes hoje praticamente desaparecidos. (SILVA, 2010, p. 11).

Partindo dessa perspectiva é de nossa pretensão fazermos um estudo das práticas cotidianas de Francisco Santos, analisando não apenas as crônicas, mas também outros gêneros literários somados às obras de João Bosco, tais como, cordéis e poesias de outros poetas populares. A memória que as nossas fontes orais têm dessas práticas, seja como praticantes ou apenas como telespectadores darão sustentabilidade a nossa pesquisa, pois é de nosso interesse analisarmos as representações da cidade de Francisco Santos e suas práticas cotidianas tendo como fonte a literatura e a memória.

## **2.1 O lugar Francisco Santos**

No início deste subtópico intitulado: O lugar Francisco Santos, torna-se necessário fazermos uma breve reflexão sobre o conceito de lugar, para posteriormente adentrarmos em sua análise. Segundo Marc Augé (1994), podemos definir o lugar como aquele espaço antropológico, marcado por características identitárias, relacionais e históricas.

Vejam os fragmentos do poema a seguir que trata sobre lugar:

O lugar é todo espaço.  
Apropriado pra viver.  
O lugar é onde a vida.  
Pode se desenvolver.

O lugar é onde o homem.  
Pode se apropriar.  
A história e a vivência.  
Dão sentido ao lugar.

O lugar é um espaço.  
Praticado e vivido.  
Pois o homem se apropria.  
E aos lugares dá sentido. (SOUSA, 2017).

Analisando o poema acima, nota-se que lugar, é o espaço do qual o homem apropria-se, e através da sua história, das suas vivências, os lugares ganham vida, ganham sentido. Sendo o lugar, o espaço do vivido, ele é também o espaço do cotidiano, pois ao apropriar-se dele o homem faz história, e conseqüentemente produz memória. Se os lugares são espaços carregados de vivências e onde a vida pode se desenvolver, como está descrito no poema, os não-lugares são o oposto disso, Augé (1994) pontua que não-lugares são espaços onde não pode haver vida, onde não há vivência, sendo assim o não-lugar é o espaço onde o homem não consegue estabelecer nenhum tipo de vínculo e afetividade quando o ocupa. O apropriar-se do homem em um lugar conseqüentemente produz história, sendo assim analisaremos as vivências produzidas no lugar Francisco Santos.

Sobre a localização do lugar de Francisco Santos assim descreve o poeta João Bosco:

Estado do Piauí,  
 Microrregião de Picos,  
 Fora dos grandes cerrados,  
 Mais de solos bons e ricos  
 E florescente mercado,  
 Feitos por homens profícuos:  
 Fica aí meu Chico Santo,  
 Terrinha que eu amo tanto!

Premido entre chapadões,  
 No vale do Riachão,  
 Propícios para o cultivo  
 Da mandioca e do feijão,  
 Do caju que, ultimamente,  
 Vem causando sensação; [...]. (SILVA, 2013).

Acima temos trechos do cordel “A terra”, onde o autor João Bosco da Silva fala sobre o lugar da cidade de Francisco Santos, destacando sua localização geográfica, e apontando aspectos do seu relevo, hidrográficos e do comércio.

Como bem coloca o autor no início de seu cordel, a cidade de Francisco Santos está localizada na mesorregião do sudeste do estado do Piauí, situada na microrregião da cidade de Picos. Francisco Santos possui uma área territorial de 596, 502 quilômetros quadrados e sua população é de 8.619 habitantes, segundo censo do IBGE (2010). Seus municípios limítrofes são: Pimenteiras ao norte; Jaicós ao sul; Monsenhor Hipólito e Campo Grande ao leste; Santo Antônio de Lisboa e Geminiano ao oeste. Pode-se perceber que é uma cidade de solo fértil propício para a agricultura, pois em suas terras são cultivados produtos agrícolas como a mandioca, caju, milho e feijão.

O município de Francisco Santos é cercado por chapadas<sup>4</sup>, seu relevo constitui-se principalmente de superfícies tabulares reelaboradas (chapadas baixas), e superfícies tabulares cimeiras (chapadas altas), dessa forma o autor adverte que o município está “premido entre chapadões”. Seu clima é semiúmido e quente. Com relação a sua hidrografia precisamos fazer uma ressalva, no período da produção do cordel tínhamos como recuso hídrico o rio Riachão, hoje se encontra praticamente morto, sofrendo com o processo de assoreamento, com as retiradas de enormes quantidades de areia de suas remediações para construção civil, e com a poluição que contribuem para sua degradação. Devido tais acontecimentos João Silva (2014) lamenta em seus versos a morte diária do rio: “Saudade! Oh Riachão, antes esperto, / Hoje virou esgoto a céu aberto, / E alho, que é bom, já não se planta mais”.

Segundo relatos das fontes orais usadas nessa pesquisa, as terras que hoje compõe o atual município de Francisco Santos começaram a ser ocupadas por volta do ano 1818. Os primeiros habitantes da antiga fazenda Jenipapeiro, segundo nossos depoentes, foram nove baianos: Rosa Maria Rodrigues, Policarpo Rodrigues Chaves, Isabel Maria Rodrigues, Antônio Rodrigues da Silva, Maria Vitória e seu filho solteiro Salvador Rodrigues Chaves e ainda, João da Cruz, Tereza e Anacleto, escravos de Maria Vitória.

Cem anos após a ocupação, no ano de 1918, foi erguida a primeira capela. Esta funcionou como uma espécie de ímã, passando a atrair pessoas ao seu redor, formando um arraial. Essa “atração” dos habitantes por construir suas casas aos arredores da capela pode ser notada na fala do senhor Antônio Borges de Moura:

[...] Já existia a igreja. A igrejaíinha aí foi construída em 1918, mais só a igreja. O resto era tudo mata. Aí o pessoal vinha, desmatando e construindo as casas sempre ao redor da igreja. Assim, uma mais perto, outra mais longe, outra mais pro lado, outra mais pra outro. [...] Começou o povoado foi dessa maneira, ao redor da igreja. (MOURA, 2017).

Podemos caracterizar a cidade como um aglomerado populacional, como um lugar de vivências, marcado pela concentração de indivíduos em um determinado espaço, mas para que haja a concentração de pessoas em certo local elas precisam se sentirem atraídas por algo. Várias cidades do interior piauiense se desenvolveram assim, ao redor de um ímã, que atrai e concentra pessoas, seja esse ímã um rio, fazendas de gado, ou uma capela, a exemplo de Francisco Santos. Na fala do senhor Antônio Borges de Moura, notamos que o lugar de Francisco Santos nessa época era de aspecto ruralista, cercado por árvores, tendo a capela no centro. Os moradores foram construindo suas moradias e fixando-se ali mesmo, embora

<sup>4</sup>Planície, planalto (superfície).

fizessem suas moradias afastadas uma das outras, mas todas nas remediações próxima a igreja.

Aquele arraial que ia se desenvolvendo ao redor da igreja, aos poucos foi crescendo e mais pessoas foram se aglomerando naquele espaço. No ano de 1935 o então vilarejo foi elevado à posição de povoado com o nome de Jenipapeiro. Tal denominação segundo as nossas fontes orais foi atribuída pela quantidade de jenipapeiro (árvore tropical) que ali se encontrava. Contudo há controvérsias sobre essa denominação, Silva Neto (1985) defende que o topônimo foi dado em homenagem a Batalha do Jenipapo, travada em Campo Maior no dia 13 de março de 1832.

O então povoado Jenipapeiro pertencia ao município de Picos, mas no dia 24 de dezembro de 1960 tornou-se independente, instalando-se como cidade. Elevado à categoria de cidade foi denominado de Francisco Santos, em homenagem ao Coronel Francisco de Sousa Santos, um influente político que sempre auxiliava os moradores do antigo povoado.

De forma lenta e acanhada, a cidade de Francisco Santos foi se desenhando urbanisticamente, aos poucos as casas foram se multiplicando, “ocupando os lajeiros, comprimidas e apertadas, sem ordem, sem áreas livres” (SILVA NETO, 1985, p. 25). Por não contar com um plano urbanístico, a cidade expandiu-se naturalmente, de forma desordenada. Segundo Mariano da Silva Neto (1985), Francisco Santos cresceu sem condições higiênicas, em alguns locais apresentando aparência de favela. As suas ruas eram estreitas, sem calçamento, a areia “disputava com o calçado”, como nos relata o Senhor João Bosco da Silva:

As ruas eram estreitas, aqui nesse largo da igreja, não tinha calçamento, nada, areia, até ali no mercado, a areia disputando com o calçado, era uma fadiga você andar de sapato, a areia invadia. A sujeira era tamanha que, era papel, era lixo, era coisa lhe cegando os olhos. Era uma tristeza, tinha poucas ruas, não havia calçamento, não havia esgotamento, não havia praticamente nada. (SILVA, 2017).

Percebemos que nessa época a cidade de Francisco Santos, tinha poucas ruas, e as poucas que tinham eram de aspecto precário, sem saneamento, sem calçamento. Segundo relatos das nossas fontes orais as poucas ruas existentes além da rua principal, eram algumas aos arredores da igreja.

Pertencer a uma cidade implica formas de representar essa cidade pelas suas práticas cotidianas, sendo que, o espaço urbano é caracterizado, por agentes que produzem e consomem os espaços. Em Francisco Santos nas décadas de 1960 e 1970, quais eram as

práticas cotidianas de seus moradores? Quais eram seus espaços praticados? Buscaremos a partir de agora responder a essas problematizações.

## **2.2. Fé e devoção de um povo: aspectos e manifestações do catolicismo em Francisco Santos.**

Nascida como nasciam  
As povoações antigas,  
Sobe o símbolo da cruz  
E amparadas pelas vigas:  
Da virtude e da moral  
- o trigo dentre as urtigas:  
Jenipapeiro nascestes,  
E à sombra cristã crescestes.

Buscaram a proteção  
Da Santa Virgem Maria,  
Intercessora maior,  
Doce mãe que negocia  
Junto a seu filho no céu  
Os pleitos da freguesia [...]. (SILVA, 2013)

Como ressaltado no cordel acima, de João Bosco da Silva, várias povoações antigas cresceram sob o “símbolo da cruz”, isso fazendo referência às cidades e povos que se desenvolveram tendo uma forte influência do catolicismo. Jenipapeiro, hoje Francisco Santos, nasceu sobre a sombra da religião católica, esse desenvolvimento fortemente ligado à fé se reflete ainda hoje na fervorosa devoção do povo franciscossantense, como destaca o poeta. Fé e devoção estas, manifestadas até hoje no novenário e culto a Maria, tendo como padroeira da cidade o Imaculado Coração de Maria.

A religião pode ser entendida como um sistema de valores e práticas sagradas, que agrega e reúne pessoas que partilham da mesma crença. Buscaremos aqui compreender quais são os aspectos e manifestações da religião católica, na cidade de Francisco Santos nas décadas de 1960 e 1970.

Para um melhor entendimento da religião e das práticas religiosas na cidade em estudo dentro do recorte temporal escolhido, é necessário fazermos um breve recuo, para entendermos como a fé católica chegou à cidade, como se consolidou, e como seus praticantes conseguiram manter acessa até hoje a chama do catolicismo.

Segundo nossas fontes orais as famílias baianas que povoaram as atuais terras de Francisco Santos eram famílias católicas. Analisando os registros no livro de tomo da igreja, podemos afirmar que o catolicismo instalou-se aqui desde a chegada dessas primeiras

famílias, elas trouxeram consigo duas imagens de santos, sendo uma de Santo Antônio e outra de Nossa Senhora das Dores.

As manifestações de fé e devoção do franciscossantense começaram com os primeiros habitantes, que prestavam culto às duas imagens. Todos os anos eram festejadas as novenas em honra aos santos. A novena de Santo Antônio era realizada na casa de Policarpo e Rosa, e terminava no dia 13 de junho. A Novena de Nossa Senhora das Dores era festejada na casa de Antônio e Isabel e terminava em 8 de dezembro, dia da Imaculada Conceição. Ambas eram bem festejadas, as salas onde se realizavam os festejos eram iluminadas com velas feitas de cera de abelha, que eram fixadas nas paredes feitas de taipa, não havia fogos na época, porém, como consta no livro de tombo, davam-se tiros de bacamartes<sup>5</sup>.

A religiosidade dos primeiros habitantes da antiga fazenda Jenipapeiro foi passada de geração a geração. Podemos definir a fé católica e suas manifestações nas décadas de 1960 e 1970 como práticas fervorosas de devoção. Nessas épocas o povo manifestava sua fé através de práticas diversificadas:

Antes mesmo de construir a igreja já começou os terços, as novenas, os leilões, ai construíram a igreja. Quando eu nasci eu acho que tinha a igreja. Aí tinha a festa de padroeira [...] aí, depois implantaram a Festa do Coração de Jesus nessa época, nesses tempos aí era igual a do Coração de Maria, muito, muito animado, e o terço no cruzeiro, menino, era tradição. Ofício todo sábado, e toda noite tocava ali, tinha a oração do Ângelus, depois começaram rezar o terço toda noite, aí pronto, inventaram essa coroação de Nossa Senhora, aí tinha todo ano, ainda hoje tem, no sábado na noite do leilão, Coroação de Nossa Senhora. (SANTOS, 2017).

Segundo o relato acima da senhora Rosa Isaura Santos, percebemos que o hábito do povo de Francisco Santos de manifestar sua fé e sua crença, através da prática do terço, novenas, ofícios, já era algo presente no cotidiano dos habitantes mesmo antes de se construir a igreja, e que se estenderam até as décadas de 1960 e 1970, e que perdura até hoje. É notório que embora a população não usufruísse de um templo religioso para fazer suas orações, estas não deixavam de serem feitas, as mesmas eram realizadas nas próprias residências dos moradores.

Após a edificação da capela, no ano de 1918, as práticas religiosas até então realizadas apenas nas residências dos franciscossantenses, passaram a ser realizadas na capela. É preciso ressaltar que embora tivesse sido construída a capela para a realização das orações coletivas, a fé e devoção do povo era tão grande que todos os católicos rezavam o terço em suas casas, e

---

<sup>5</sup> Espingarda de cano curto e largo.

tinham fixados nas paredes de suas residências os santos de sua devoção, diante dos quais faziam suas orações individuais.

Vejamos o que nos relata o senhor João Bosco da Silva:

Todo mundo praticamente vinha aos Domingos para o terço das 9 horas da manhã na igreja, todo mundo fazia sua confissão anual, todo mundo fazia suas orações em casa, rezava seu terço, todo mundo praticamente em suas casas tinha uma fileira de santos na parede diante dos quais ele rezava seu terço toda noite, 9 horas da noite, pediam suas bênçãos, agradecia o que recebeu. (SILVA, 2017).

Notamos que os católicos praticantes em Francisco Santos sempre exercitavam sua fé, e que buscavam seguir os mandamentos de Jesus, os mandamentos da igreja, que pede do bom católico o ato de se confessar pelo menos uma vez ao ano. Em todos os relatos orais, é possível notar que ir aos domingos para rezar o Santo Terço era uma prática cotidiana dos franciscossantenses. Sendo assim, a oração do Santo Terço, caracterizava-se como a principal oração do dia. As famílias tinham o costume de se reunirem para rezarem juntas, ninguém dormia sem fazer suas orações, e sempre tinham a tradição de fazer orações pelos familiares e amigos falecidos.

Ter uma fileira de santos na parede diante dos quais se rezavam todo dia, como bem coloca nossa fonte oral, é uma das principais características do catolicismo popular. Sobre a devoção aos santos católicos assim descreve Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil*:

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas [...] cada casa quer ter sua capela própria, onde os moradores se ajoelham ante o padroeiro e protetor. Cristo, Nossa Senhora e os santos já não aparecem como entes privilegiados e eximidos de qualquer sentimento humano. Todos, fidalgos e plebeus, querem estar em intimidade com as sagradas criaturas e o próprio Deus é um amigo familiar, doméstico e próximo [...] (1995, p. 149).

A religiosidade do povo também era refletida na busca dos fiéis pelos sacramentos. Em junho do ano de 1961 aconteceu em Francisco Santos uma visita pastoral (chamada também de Santas Missões), com duração de 4 dias. O registro de pessoas que receberam os sacramentos, segundo consta no livro de tombo foi o seguinte: Comunhões: 3. 887 – crismas 515 [...]. Batizados masculinos 14, femininos 7. Nessa mesma ocasião ocorreu um fato que nos chama atenção e deixa bastante claro como o povo franciscossantense era religioso e se preocupava em praticar e zelar por sua fé, segundo relatos do senhor João Bosco da Silva, por

ocasião das Santas Missões que acontecia na cidade, de toda a população daquela época<sup>6</sup> apenas uma pessoa deixou de se confessar:

[...] Apenas uma pessoa aqui, uma pessoa, não sei se devo dizer o nome, deixou de se confessar. Santas missões é aquele que, uma semana de movimento religioso, com muitos padres, com o bispo. O bispo desse tempo era até Dom Raimundo que foi assassinado aqui em Oeiras. Uma pessoa de Mané Ramos, simplesmente deixou de se confessar, a população todinha se confessou, pra você ver o aspecto religioso como era. (SILVA, 2017).

“Pra você ver o aspecto religioso como era”, com bases nessas palavras do nosso depoente, podemos constatar que a religiosidade e fé do povo eram fortes. É uma manifestação de devoção a Santa Igreja e a seus mandamentos, onde toda a população da cidade buscava a confissão, exceto um habitante. Esse fato comprova como o catolicismo se manifestava nessa época.

Além dos ofícios, reza do santo terço, novenas em honra a Santo Antônio e Nossa Senhora das Dores, outra manifestação de fé dos fiéis nessa época eram as peregrinações que já se faziam até a Cruz ao Velho. Em uma de suas crônicas Silva (2010) descreve como se originou o culto a Cruz ao Velho:

Um caçador encontrou uma ossada humana, obra de uma légua distante do povoado. Não se sabendo a qual vivente pertenceu, dá-se-lhe sepultura e cruz, e faz-se-lhe a oração fúnebre como manda a Santa Madre Igreja. Vai daí que uma mulher muito piedosa diz ter alcançado uma graça por intermédio daquela alma penada. Foi o bastante. A notícia se espalha como rastilho de pólvora. Vira romaria o lugar. Verdadeira peregrinação à primeira terça-feira de cada mês. (SILVA, 2010, p. 117).

De acordo com nossas fontes orais, o senhor Moisés, habitante de Francisco Santos, e condutor da Via-sacra, foi quem encontrou os restos mortais de um homem velho o qual teve seu corpo devorado pelos urubus. Os relatos orais de nossas fontes, indicam que o corpo era de um velhinho, pelo fato de que na época, vários habitantes da cidade viram um senhor de idade andando pelas redondezas, carregando consigo umas latinhas. Junto com os restos mortais encontrado por Moisés estavam as supostas latinhas que o velho portava, isso indicava que o corpo era de fato do velhinho, e por esse motivo o local foi batizado de “Cruz ao Velho”. Naquele local, Moisés ergueu uma sepultura e colocou uma grande cruz em favor da pobre alma. A partir deste dia, vários fiéis católicos passaram a fazer pedidos a Cruz ao Velho e alegavam terem alcançado as graças e milagres pedidos. Ainda hoje a Cruz ao Velho é visitada, e é ponto de peregrinação.

<sup>6</sup>Nossa fonte oral não lembra quantos habitantes tinha na cidade, e em nossas buscas não encontramos documento que nos oferecessem essa informação sobre a população de Francisco Santos no ano de 1961.



Figura 01: Fotografia atual da Cruz ao Velho  
 Fonte: [www.fcosantospi.blogspot.com](http://www.fcosantospi.blogspot.com)

Na Cruz ao Velho, notamos que acontece algo que chamamos de relação devocional *contratual*, esta por sua vez se caracteriza pelo acordo que o devoto faz com o santo de sua devoção, e tal acordo só tem fim quando a graça ou pedido é alcançado, depois que o devoto tem seu pedido realizado, ele paga sua promessa. A Cruz ao Velho, não é um santo propriamente dito, mas como mencionado anteriormente ela é tida como milagrosa, e várias são as pessoas que fazem promessas e são atendidas. A relação devocional *contratual* é perceptível na Cruz ao Velho como pudemos observar na visita feita ao local. Notamos que aos arredores da cruz há vários objetos como canetas, casas de madeira, partes do corpo feitas de madeiras. Segundo nossas fontes orais, tais objetos estão lá devido a uma graça alcançada.

Sobre essa relação entre o devoto e o santo afirma Pedro Ribeiro de Oliveira:

O santo está ao alcance imediato do fiel: na imagem, na estampa, nos santuários, num cruzeiro à beira da estrada, numa gruta, ou nos arredores do cemitério. O fiel não precisa recorrer a um mediador especializado para contactar o santo; vai diretamente a ele, conversa com ele, expõe seus problemas, agradece as “graças”, ou simplesmente presta seu ato de culto. (OLIVEIRA, 1978, p. 79).

A devoção que o povo de Francisco Santos tem pela Cruz ao Velho é uma prova de que a religiosidade dessa gente não se fundamenta apenas pela fé na pessoa de Jesus Cristo, no Imaculado Coração de Maria e nos santos católicos. A religiosidade do franciscossantense

é sustentada também na alma de uma pessoa anônima, a qual atribuem como milagrosa. Nossas fontes orais atestam que todo aquele que se apega a Cruz ao Velho tem seus pedidos atendidos. Os favores e milagres que os fiéis alcançam são perceptíveis na poesia escrita por Rosa Isaura Santos, a qual versa da seguinte maneira:

Pra rezar na Cruz ao Velho  
Segue o povo em romaria  
Agradecendo os favores  
Que recebem todo dia.

As práticas religiosas estavam presentes no cotidiano dos franciscossantenses. Estes, diariamente faziam suas orações e costumeiramente rezavam o Santo Terço antes de dormirem. Podemos até dizer que naquela época as manifestações de fé eram mais fervorosas, pois era uma prática obrigatória, as famílias (crianças, jovens e adultos) se reuniam para fazerem suas orações e rezarem o terço. Hoje praticamente a reza do Terço em família está quase extinta.

### **2.3. A arte da compra e da venda: o comércio em Francisco Santos**

De lavrador mãos calosas  
Do cabo da bruta enxada,  
Esse valente roceiro  
Se transforma de virada  
Em vendedor competente,  
Que na conversa fiada,  
Como quem não quer, querendo,  
Seu produto vai vendendo!

Tal qual o camaleão,  
Que sempre muda de cor,  
O bom franciscossantense  
Tem artes de vendedor,  
Por isso é tido e havido  
Como um tipo “vivedor” [...].

Partia de Chico Santo  
Nos antigos paus-de-arara,  
Além do alho levando  
Só coragem e a cara,  
Esperança e fé em Deus,  
Virtudes hoje tão raras. [...]. (SILVA, 2013).

A atividade comercial pode-se caracterizar como sendo a arte de comprar e vender produtos, caracterizando-se ainda pela troca destes. O comércio é uma prática de origens tão antiga, bem como o próprio homem. Essa atividade surgiu da necessidade que o indivíduo tinha em trocar com o outro o produto que ele cultivava por aquilo que ele não produzia. Ou

seja, em sociedades antigas, se um grupo cultivasse apenas milho, e outro apenas feijão, eles trocariam os excedentes entre si.

Na cidade de Francisco Santos, a vida comercial se desenvolveu a partir da comercialização de produtos provenientes da agricultura, principalmente do cultivo, venda e exportação do alho. Este inicialmente foi o principal produto a ser comercializado em maiores proporções, mais haviam outros que eram cultivados e vendidos, tais como o feijão, a cebola. O comércio de Francisco Santos, movimentado a partir da agricultura, fica bastante evidente no início do cordel, acima citado, onde o autor ressalta que das mãos do lavrador saem produtos a serem comercializados.

O franciscossantense ficou conhecido em outros estados pela sua capacidade e facilidade de ser dar bem no comércio e nas práticas mercantis. Sua habilidade na arte de vender é conhecida não apenas nas cidades vizinhas, mais também em outras regiões, caracterizando-se assim como um tipo de “vivedor”, aquele que sabe se sair bem nos negócios e vende seus produtos “como quem não quer, querendo”, pois tem a lábia de um bom vendedor.

Nas décadas de 1960 e 1970 muitos eram os homens de Francisco Santos que se deslocavam da cidade para venderem produtos em cidades vizinhas e outros estados, movimentando assim o pequeno comércio que começava a emergir.

Segundo o depoimento da Senhora Rosa de Lima Carvalho (2017), o comércio em Francisco Santos caracterizava-se assim:

O comércio aqui eu lembro ainda, meu pai mesmo era um desses que plantavam. Eles já começaram o comércio assim, plantavam alho, cebola no rio, quando chegava no tempo da colheita eles já colhia aquele produto, botavam em animais e saiam viajando, Maranhão, Ceará. Eles já vendiam e o comércio já começou por aí. [...] Viajavam muito de animal naquela época, pra passar trinta, quarenta dias. Muitas pessoas daqui faziam isso. E aí foi desenvolvendo né? O pessoal foi já comprando produtos, entrando produtos de fora. (CARVALHO, 2017).

A comercialização do alho representou um avanço considerável nas atividades comerciais em Francisco Santos. Esse produto possibilitou que as trocas comerciais na cidade se desenvolvessem, não só vendiam, mais também compravam. Ao passo em que iam vender alho em outras regiões, lá mesmo, com o dinheiro proveniente da venda eles já compravam outros produtos alimentícios como o arroz e o café e traziam para a cidade.

Essa capacidade e facilidade do povo de Francisco Santos de sempre se dar bem no comércio, muitas vezes é apresentada nos cordéis de forma engraçada e pitoresca, como

podemos observar a seguir, no cordel de Rosa Maria de Araújo Lima, presente no livro *Romanceiro dos versejadores e repentistas de Jenipapeiro*:

O povo de nossa terra  
 Vive com facilidade  
 Sabe comprar e vender  
 Dentro e fora da cidade  
 Possui um grande saber  
 Mesmo quem não sabe ler.  
 Vive com facilidade.

Dizem que os astronautas  
 Chegando ao solo lunar  
 Pensando ser os primeiros  
 Ouviram um grito zoar  
 Moço! Sou de Chico Santo!  
 Tenho alho ali um canto  
 Venham, venham me comprar. (LIMA, 2010, p. 229)

Segundo os relatos de nossas fontes orais, o fato do franciscossantense está sempre viajando com suas tranças de alho pelos estados brasileiros, fez com que algumas pessoas, por brincadeira, ficassem dizendo que o povo de Francisco Santos foi vender alho até na lua, como versado no cordel acima citado. Essa brincadeira é presente, perdura até hoje, vez ou outra, escuta-se alguém dizer: “Francisco Santos! Terra de gente que já foi vender alho até na lua”. Essa “brincadeira” vem nos reforçar a habilidade comercial do povo de Francisco Santos na arte mercantil.

Além da safra do alho que dava sustentabilidade para a economia da cidade, havia também a safra do feijão, logo as duas safras de maiores proporções eram essas duas, as quais movimentavam o comércio local.

Os pontos comerciais também chamados de bodegas, eram poucos nessa época. Dessa forma o comércio a varejo não era de grande dimensão, até porque, uma parcela dos produtos que se consumiam no dia-a-dia, as famílias retiravam da sua própria lavoura. As maiores demandas de produtos que os moradores consumiam das bodegas eram o arroz, açúcar, sal, café e também remédios provindos de cascas e ervas locais.

Outro produto que movimentava o comércio de Francisco Santos, segundo nossas fontes orais, era a venda de tecido. Os vendedores de tecido traziam seus produtos de estados vizinhos, para comercializarem dentro e nas áreas próximas à cidade.

Francisco Santos nessa época tinha sua prática voltada mais para a comercialização do alho, este atribuiu ao franciscossantense a qualidade de bom vendedor, pois ele saía da cidade com suas tranças de alho e percorria várias regiões vendendo seu produto. Nossas fontes orais apontam que nenhum franciscossantense voltava para a cidade sem vender sua mercadoria.

## 2.4. Educação em Francisco Santos nas décadas de 1960 e 1970.

Para compreendermos o aspecto educacional na cidade de Francisco Santos nas décadas de 1960 e 1970, retroagiremos um pouco para fazermos um resumo histórico da educação escolar na cidade até chegarmos a esse período.

O processo educacional na cidade de Francisco Santos começou a se desenvolver muito antes da construção dos prédios escolares. Nossas fontes orais nos permitem concluir que inicialmente a educação escolar era de caráter particular. Por não haver escolas ou pessoas capacitadas para ensinar, aquelas famílias que tinham mais condições financeiras acabavam trazendo pessoas de Picos para ensinarem. O ensino das primeiras letras se dava nas residências, quem contratava a pessoa de fora para ensinar pagava mensalmente uma quantia fixa para o professor, por sua vez tinham que comprar todo material escolar. Vejamos o relato do senhor Antônio Borges de Moura (2017) sobre o processo educacional em Francisco Santos:

O proprietário de uma casa [...] contratava um mestre, mais de fora por que aqui ninguém tinha estudo ainda, e trazia pra ensinar ali um mês, dois, conforme fosse. As pessoas mandavam pra escola daquele mestre, agora, pagando a mensalidade, quando o aluno contratasse tinha que pagar a mensalidade, tinha que trazer o caderno, tinha que trazer a pena, tinha que trazer o tinteiro e tinha que trazer à merendinha, não tinha nada público, era tudo particular. (MOURA, 2017).

O depoimento do senhor Antônio Borges de Moura, aponta que a educação escolar se dava nas casas das famílias. Isso é perceptível também em uma crônica descrita pelo poeta e escritor João Bosco da Silva onde ele relata sua experiência educacional no ano anterior ao nosso recorte temporal:

No verão de 1952 “sofri” minha primeira experiência escolar: entrei para a escola de Maria de Izaac, que funcionava em sua própria casa, na antiga Rua das Pedrinhas. Na sala apertada, 15 ou 20 crianças se acotovelavam para ouvir a cantilena: Um Bê com um A = Bê-A-Bá. Um Bê com um E = Bê-E-Bé. (SILVA, 2010, p. 100).

A educação em Francisco Santos aos poucos foi se desenvolvendo. No ano de 1958 a cidade ganhou sua primeira escola sistematicamente organizada. Embora não houvesse em Francisco Santos prédios escolares, desde essa época os habitantes já procuravam formas de ter acesso à educação.

No início dos anos de 1960 a educação escolar na cidade ainda caminhava de forma lenta, nossas fontes orais apontam que o processo de ensino-aprendizagem era realizado em casas ou armazéns, como no relato do senhor Antônio Borges de Moura (2017), analisado anteriormente.

Vejamos o relato da senhora Rosa Isaura Santos:

Aí estudei num [...] era tipo um armazém que tinha ali, no tetéu onde hoje é a casa de Maria de Pedoca, estudei com Salete, na casa de Isabeli de Apolonho, ai depois tinha esse grupo velho, enorme lá onde hoje é o Cristo Rei, por ali, era enorme esse prédio, lá a gente estudava, tinha a merenda ainda hoje eu lembro, era leite, ou, nós fazia, aquele leite do governo era um leite cheiroso, gostoso, com cuscuz, ai eu hoje ainda conto as histórias, que quando nós estudava, um dia na hora da merenda, a Filomena ensinava três turmas juntos nesse tempo no salão grande lá. (SANTOS, 2017).

A educação escolar na década de 1960, como podemos notar, no relato da senhora Rosa Isaura Santos já começa a se desenvolver. Se nos anos anteriores o processo educacional era de cunho particular, em 1960 o governo já fornecia merenda para os alunos, caracterizando-se uma educação de perfil público.

No ano de 1968 foi erguido em Francisco Santos o primeiro prédio público escolar, a Unidade Escolar Franco Rodrigues. Antes de 1968, só havia o ensino Primário quando, os alunos concluíam tinham que fazer o Ginásio em Picos ou em Jaicós. Os filhos de pais mais pobres ao concluir paravam de estudar, por não ter condições financeiras para se deslocarem até outra cidade.

O pedido para se criar o Ginásio em Francisco Santos, segundo a análise literária, partiu de um agricultor em 1966. Nesse ano o então secretário de educação, Padre Baldoíno visitava o município e foi surpreendido pelo agricultor:

Certo dia, o secretário,  
Gestor de educação,  
Em visita ao município,  
Recebeu de um cidadão,  
Lavrador desenxabido,  
Porém muito pé-no-chão [...].

Um ginásio pra esta terra  
Peço pro senhor trazer;  
Como aqui só tem primário,  
Não preciso lhe dizer  
Que o jovem ao conclui-lo,  
Fica navios a ver,  
Pois ninguém pode botar  
Filhos fora pra estudar.

Toda ideia é qual semente  
No solo do agricultor.  
Se a criação é de Deus,  
Deus, então é criador.  
Se o pedido de um ginásio  
Partiu de um agricultor,  
A Carleusa a gratidão

Pela sua instalação. (SILVA, 2013).

No cordel, acima citado, fica bem explícito que a educação escolar em Francisco Santos se dava apenas em torno do ensino primário. Ao concluir este os jovens mais humildes não poderiam avançar em seus estudos. Segundo nossas fontes orais o secretário de educação não tinha condições de atender ao pedido do agricultor naquele momento. Contudo, como citado no final do cordel, a então prefeita Carleusa Santos, cinco anos depois instalou o Ginásio em Francisco Santos, como nos relata o Senhor João Bosco da Silva:

E o Baldoíno [Secretário Municipal de Educação de Francisco Santos] respondeu que naquele momento não podia, não tinha condições, mais a ideia ficou, e Carleusa cinco anos depois conseguiu criar através da CNEC (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade), conseguiu criar o Ginásio. (SILVA, 2017).

Nos anos 1960, em Francisco Santos, só tinha a Unidade escolar Franco Rodrigues, como escola organizada com ensino sistematizado. Somente no ano de 1970 foram construídas outras escolas, estas na Zona Rural.

Vejamos o relato da senhora Carleusa Santos:

Em 70 tinha, na cidade o Franco Rodrigues, no interior tinha no Diogo a escola Alzira Santos que é até uma que já fechou, e tinha no povoado Boa Viagem [...] na década de 70 só tinha a unidade escolar Franco Rodrigues na cidade, e tinha a escola do Povoado Boa Viagem, José Ramos, e a escola Alzira Santos, no Diogo. (SANTOS, 2017).

Em fins dos anos 1960 e começo de 1970 a educação em Francisco Santos começa a crescer e se desenvolver no que se refere ao número de escolas. Além da escola na cidade, duas localidades já dispunham de prédios escolares. Os relatos de nossas fontes orais apontam que na década de 1970 a escola já era mais organizada e estruturada, já tinha fardamento, prédios próprios, carteiras, merenda escolar e professores formados.

### **3. A CULTURA DE UM POVO: as manifestações culturais na cidade de Francisco Santos**

Neste capítulo iremos nos dedicar em fazer um estudo sobre as manifestações culturais populares na cidade de Francisco Santos, onde analisaremos como a cultura popular se manifestava no cotidiano do povo franciscossantense. No âmbito dessas manifestações destacaremos o Lindô, o Drama, o Reisado e o Pastoril também denominado de Lapinha.

Não podemos falar em práticas cotidianas na cidade de Francisco Santos, sem destacarmos as manifestações culturais populares que eram presentes no dia a dia do povo franciscossantense. Embora a literatura local não nos ofereça embasamento para trabalharmos com essas práticas culturais, apontaremos aqui, tendo como base apenas os relatos de nossas fontes orais, os aspectos e manifestações culturais populares na cidade de Francisco Santos. Nas décadas de 1960 e 1970 existiam várias práticas e manifestações culturais que os moradores ainda hoje lembram. Neste sentido, cabe aqui um questionamento, por que às manifestações culturais populares são tão presentes na memória dos habitantes da cidade e os literatos não oferecerem em suas produções informações sobre a cultura popular local?

Para termos uma maior compreensão sobre as manifestações culturais faz-se necessário no início deste capítulo trazermos algumas considerações sobre o que é cultura popular, para posteriormente analisarmos as manifestações culturais populares em Francisco Santos e compreendermos como a cultura popular se manifestava na sociedade franciscossantense.

Maria Cecília Silva de Almeida Nunes entende por cultura popular:

[...] O fazer, o saber e o sentir do povo simples, que na sua cotidianidade, vem por meio da fala, dos gestos, das atitudes, dos hábitos e costumes, manifestando seus valores materiais e espirituais, herdados dos antepassados e preservados pelos grupos que vão se reproduzindo, incentivando a manter vivas suas memórias e suas histórias. (NUNES, 2003, p. 87).

Com base nessa definição, a cultura popular pode ser entendida como manifestações de valores, sejam eles materiais ou espirituais, dessa forma as danças, comidas, objetos, literatura popular, festas religiosas, modo de falar e se comportar podem ser caracterizados como sendo elementos inerentes à cultura popular.

A cultura popular agrega elementos que os indivíduos partilham entre si enquanto pertencentes de um mesmo grupo. Isso implica dizer que aquilo que pode ser entendido como cultura popular ou patrimônio cultural para um determinado grupo, para outro pode não ser.

Dessa forma a cultura popular é uma expressão que caracteriza elementos culturais particulares de uma região ou sociedade. As manifestações e os costumes populares, por serem algo inventados, estão sujeitos a transformações e adaptações. Segundo Erick Hobsbawm (1984) às vezes dentro da cultura popular há a necessidade de conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins.

A cultura popular é riquíssima e vasta quando se trata de festas religiosas, danças e literatura popular. É dentro desses aspectos que analisaremos as práticas culturais na cidade de Francisco Santos nas décadas de 1960 e 1970.

### **3.1. As apresentações de Lindô e os Dramas**

As apresentações de Lindô constituíam-se como uma manifestação cultural popular costumeiramente realizada em Francisco Santos nas décadas de 1960 e 1970. Prática cultural esta que atualmente deixou de ser realizada pelos franciscossantenses.

A pesquisadora Ana Clara Santos Sousa (2014), em sua monografia<sup>7</sup> defendida no ano de 2014, destaca que o lindô, segundo relatos orais, teria começado a ser praticado no antigo povoado Jenipapeiro, por volta do ano de 1884, tendo os negros como realizadores dessa dança:

No ano de 1884, no povoado Jenipapeiro havia poucos habitantes, nenhum lazer, os negros que eram em números significativos juntaram-se em uma roda com mais ou menos 30 pessoas e criavam canções de acordo com as situações e os acontecimentos da época, dançavam nos terreiros aos sábados e festividades. O lindô foi se espalhando, e tornou-se uma dança popular. (SOUSA, 2014, p. 20).

Podemos perceber que o Lindô surge em um contexto de poucas opções de lazer, onde os negros reuniam-se em pequenos grupos para momentos de sociabilidade e diversão. O lindô tornou-se dança popular em Francisco Santos e assim como tantas outras manifestações culturais foi passando de geração a geração, consolidando-se como umas das principais práticas culturais populares nos anos de 1960 e 1970.

Segundo nossas fontes orais, o Lindô era uma dança de terreiro, onde seus praticantes usavam roupas longas e coloridas. De acordo com o relato da senhora Carleusa Santos (2017), o lindô “era uma dança de roda, de terreiro, onde o cavalheiro vai com a dama, tem um que vai cantando os versos, os outros vão respondendo e vem à dança de roda”.

<sup>7</sup>SOUSA, Ana Clara Santos. As manifestações culturais e religiosas na cidade de Francisco Santos. Monografia (Graduação em História), Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

A depoente Rosa Isaura Santos (2017) descreve que a execução do Lindô se dava da seguinte forma: em uma roda todos cantavam juntos o seguinte refrão:

Ô lindô, lindô, lindô.  
 Ô lindô, lindô, lindá.  
 Ô lindô, lindô, lindô.  
 Lindô, lindô, lindô, lindá.

Depois saía alguém da roda dançando e cantando:

Ô meu café. Meu café,  
 Meu café tá fulorando.  
 O velho está na cozinha.  
 E eu na sala semeando.

Em cima daquela pedra.  
 Tem uma pendra a amolar.  
 Ela amola, desamola.  
 Coisa boa é namorar.

Ô meu café. Meu café,  
 Meu café tá fulorando.  
 O velho está na cozinha.  
 E eu na sala semeando.

Podemos notar que as apresentações de Lindô era uma manifestação cultural caracterizada pelas danças de terreiros e cantigas de roda. Notamos que os versinhos e as rimas eram elementos presentes na execução das apresentações.

O Lindô era uma prática cultural que os habitantes de Francisco Santos praticavam bastante nessas décadas e que perdurou até meados dos anos de 1970. Ainda segundo nossas fontes orais o Lindô era cantado por uma pessoa que estava na roda, e as outras respondiam todas juntas:

**Uma pessoa:**  
 Lá vem a lua saindo,  
 Levante meu bem vem ver,  
 Não é lua, é só nosso bem querer.

**Todos:**  
 Ô lindô, lindô, lindô.  
 Ô lindô, lindô, lindá.  
 Ô lindô, lindô, lindô.  
 Lindô, lindô, lindô, lindá.

**Uma pessoa:**  
 Jogue o lenço pra cima  
 Caiu na água de limão,

Se eu não casar com você  
Mas caso com seu irmão.

**Todos:**

Ô lindô, lindô, lindô.

Ô lindô, lindô, lindá.

Ô lindô, lindô, lindô.

Lindô, lindô, lindô, lindá.

Nas décadas de 1960 e 1970 o Drama era uma prática cultural que estava associada à cultura popular do povo de Francisco Santos. As apresentações dos dramas além de fazer parte da cultura local, também se configuravam como um entretenimento para os jovens e a sociedade como um todo. Vejamos o depoimento da senhora Rosa Isaura Santos:

Um divertimento grande aqui, era a juventude apresentar uns dramas, era uma atividade cultural aqui, fazia nas casas no começo e prolongou até os anos 70. [...] Drama é como é que a gente diz? Uma mistura de poesia e de canto, uma coisa assim mais fictícia, uma coisa meio dramática, e ai antigamente era nas casas, depois a gente fez muito ali dentro do mercado, “vixi”, eu ainda me trajei de homem, cantando essas coisas do drama. (SANTOS, 2017).

Como podemos notar nos relatos das nossas fontes orais, os Dramas eram realizados inicialmente nas casas de famílias e posteriormente no mercado público. As apresentações dos Dramas mesclavam encenações e músicas. Essa manifestação cultural era uma encenação com temáticas diversas criadas pelos próprios praticantes. Os jovens que realizavam as apresentações se caracterizavam, interpretavam e cantavam, e as cantigas cantadas eram repassadas de geração a geração.

Márcio Pontes (2011) caracteriza o drama como sendo uma prática que combina representação dramática, indumentária e expressão corporal. O autor entende o drama como sendo uma mistura de música – cantada pelas dramistas e acompanhadas por tocadores.

Nossas fontes orais relatam que o drama era bem animado, tinha um sanfoneiro que acompanhava as apresentações tocando as canções, e os jovens que encenavam caracterizavam-se de acordo com os temas das músicas.

Vejamos o relato da senhora Lenite Maria da Rocha Sales:

Juntava uma turma de menina fazia uma parte, num assunto, juntava outra turma, fazia outra parte em outro assunto, e assim por diante. [...] tinha a cigana, tinham as praias, com os nomes das praias, cada qual cantava:

Todas reunidas

Bailando assim.

Ficaram belas e bem floridas,

Numa alegria sem fim.

Tinha a cigana também:

**Uma pessoa:** Ó cigana bela filha do deserto,  
Que bem sabe distinguir a lei do fado,  
Ler aqui em minha mão a minha sina,  
Par ver se sou feliz ou mal fadado.

**Cigana:** Nesta sina de tua mão ó belo moço.  
Do futuro eu não vejo nada não.  
Mais em teu olhar, no rosto em tua voz.  
Eu vejo amor que te consome o coração.  
Ah uma jovem que ti viu nessas paragens  
Sem querer fez despertar, louca paixão. (SALES, 2017).

A partir das nossas fontes orais podemos notar uma característica comum ao Lindô e ao drama, ambas as manifestações culturais são marcadas pelo canto e pela recitação de versinhos cantados individualmente ou em grupo.

### 3.2. A lapinha ou Pastoril



Figura 02: Apresentação do Pastoril no presépio público. Década de 1980.  
Fonte: Arquivo pessoal da Unidade Escolar Santa Filomena

A fotografia acima (figura 02) diz respeito à Lapinha, também chamada de Pastoril. Esta manifestação cultural fortemente ligada ao aspecto religioso era costumeiramente praticada na cidade de Francisco Santos nos anos de 1960 e 1970, e perdurou até a década de 1980, hoje está praticamente extinta.

O Pastoril se caracterizava pela adoração ao Menino Jesus. Podemos notar na fotografia um pequeno aglomerado de pessoas em torno de um presépio. Era assim que se

constituía a Lapinha. Esta era realizada na praça pública em frente à Igreja Matriz ou nas casas das famílias onde se tinham um presépio montado.

As apresentações de Pastoril eram realizadas no período que se estendia da noite de Natal até o dia cinco de janeiro. No dia seis de janeiro, encerrando as atividades das apresentações o grupo que havia cantado e se apresentado, faziam um ritual de queima das palhas de cada presépio onde tinham sido realizadas as apresentações.

Sobre a realização do Pastoril, Rosa Isaura Santos nos relatou em depoimento que:

Aí a gente cantava da noite de Natal até dia 6 de janeiro, que o dia de Reis, ai o dia de Reis, que é quando a gente tirava a Lapinha. Aí fazia a casinha da Lapinha nesse tempo era de palha, depois foi modernizando, mais nessa época era as casinhas pequenininha de palha. A gente fazia pequena e botava o presépio todo ali, menino Deus, Nossa Senhora, camelo, o galo, jumentinho, ovelha. (SANTOS, 2017).

É perceptível que as apresentações do Pastoril também eram baseadas na execução de cantigas. Nossas fontes orais destacam que durante todo o período em que o presépio ficava armado, um grupo de garotas, chamada de pastorinhas/camponesas cantavam em frente ao presépio. As pastorinhas, de acordo com Carleusa Santos (2017), se posicionavam em filas, vestidas com roupas típicas, com suas cestinhas e maracás nas mãos, e louvavam ao Menino Jesus:

**Camponesas:**

Eu entro já na lapinha  
Pois não me posso conter  
Esta tua formosura  
Enche de gosto e prazer. (bis)

**Recepcionistas:**

Senhores e senhoras  
Que querei vós?  
O infante é nascido  
Isto é cá para nós  
Não é lá para vós  
Isto é cá para nós.

**1º par de Camponesas:**

Vinde já meus Deus-menino  
Nasce em meu coração  
Tomai dele inteira sorte  
Tomai nas vossas mãos. (bis)

**2º par de Camponesas:**

Vinde, meu rico infante  
Vinde, não vos detenhais  
A minha alma vos espera  
Já não posso esperar mais. (bis)

**3º par de Camponesas**

Do varão nasceu a vara  
 Da vara nasceu a flor  
 E da flor nasceu Maria  
 De Maria o redentor. (bis)

**Camponesas:**

Soube que tinha nascido  
 Corri vim ofertar  
 Minha alma, minha vida.  
 Meu coração para amar (bis)  
 Alvíssaras, meu bem, alvíssaras.  
 Alvíssaras, que eu já cheguei.  
 Para ver, o Deus Menino.  
 Agora descansarei. (bis)

O Pastoril por ser uma manifestação associada à religiosidade do povo de Francisco Santos reunia bastante espectadores, haja vista que o franciscossantense participava assiduamente das atividades religiosas como foi retratado no capítulo anterior.

O ápice dessa manifestação era o seu encerramento das apresentações, que era realizado no dia 6 de janeiro, quando se comemorava o dia de Reis. É interessante pontuarmos que havia uma espécie de ritual e tradição. De acordo com Rosa Isaura Santos, só podia queimar as palhas aquelas mesmas pessoas que haviam cantado: “Aí a gente pegava aquelas palhinhas, colocava lá na frente lá da casa, no chão, aí botava ali e tocava fogo, aí a mesma equipe que tinha cantado a lapinha, aí, ia fazer a queima das palhas”. (SANTOS, 2017).

No momento em que se queimavam as palhas as pastorinhas cantavam:

Essas palinhas.  
 Que vão se queimar.  
 É da nossa lapinha  
 Que vai se acabar.  
 Adeus minha lapinha.  
 Adeus são José.  
 Até para o ano.  
 Se Deus quiser.

Essas palinhas.  
 Que vão se queimando.  
 É da nossa lapinha.  
 Que está se acabando.  
 Adeus minha lapinha.  
 Adeus, adeus, adeus.  
 Até pra o ano.  
 Com favor de Deus.

Essas palinhas.  
 Que já se queimou.  
 É da nossa lapinha.  
 Que já se acabou.

Adeus minha lapinha.  
Adeus meu amor.  
Até para o ano.  
Se nós, viva for.

Assim terminava o Pastoril, com a realização do ritual de queima das palhas que haviam sido usadas durante o período em que se faziam a adoração ao Menino Jesus. Tal manifestação ainda hoje é recordada por quem participou ou assistiu as apresentações.

### **3.3. O Reisado como manifestação cultural popular em Francisco Santos**

O Reisado, também denominado de “Folia de Reis”, “Reis”, “Santos Reis” é uma manifestação cultural caracterizada pela mesclagem de rezas com danças. É uma apresentação de dança que contém várias figuras e personagens. O grupo que apresenta o Reisado visita as residências das famílias no período que vai do dia 25 de dezembro ao dia 6 de janeiro. Nessas visitas às casas, os devotos fazem uma espécie de ritual, abençoando a casa com cânticos sagrados e o dono da casa oferta dinheiro para realização da festa de Reis.

Sobre a realização das apresentações do Reisado na cidade de Francisco Santos podemos pontuar que era uma prática realizada frequentemente todos os anos nas décadas de 1960 e 1970.

O que nos instigou a realizarmos esse estudo, não apenas sobre o Reisado mais também das outras manifestações culturais populares, foi o fato de não ter nem um documento, ou fonte escrita que nos fornecesse informações sobre tais eventos. Por que todas as fontes orais recordam muito bem as manifestações culturais e não há nenhuma outra fonte, além da oral, que comprove tais manifestações? Dentro dessa perspectiva analisaremos o Reisado apenas a partir da memória e relatos orais dos sujeitos históricos.

Não sabemos ao certo a data em que o Reisado chegou à cidade de Francisco Santos, pois não temos conhecimento de qualquer fonte escrita que possa comprovar isso. Nossas fontes orais apontam que o Reisado foi trazido pelos primeiros povoadores que colonizaram as terras do antigo Povoado Jenipapeiro. As apresentações de Reisados além de estarem ligadas as manifestações culturais populares, também representavam um momento de lazer e sociabilidade, pois nos terreiros das casas, familiares e vizinhos se reuniam para dançar, sendo assim o Reisado não deixava de ser uma forma de entretenimento.

As apresentações do Reisado estavam ligadas as apresentações do Pastoril. O Reisado se iniciava na noite de natal, e se prolongava até o dia 6 de janeiro, data em que se queimavam as palhas da Lapinha e dia em que comemoramos dia de Reis.

Sobre o Reisado em Francisco Santos Rosa Isaura Santos nos relatou em depoimento que:

O Reisado era bom naquele tempo, menino, tinha a burrinha, e tinha o boi, e tinha o lobisomem, e tinha a ema, e a velha do chapéu de fogo, meu Deus mais era bom, era tirado muito era nas serras, eu lembro de nós ir da Santa Helena pro Belo Monte assistir o Reisado, e aqui na rua também, assim, as vezes tinha umas casas. Ou mais o Reisado era bom, era muito bonito o Reisado, tinha os caretas que era quem cantava, tirava lá uns versos, eles faziam em qualquer tempo. Era tudo tipo passos folclóricos, dança folclórica, aí eu sei que era bonito, eu sei a gente ficava assim assistindo, e essas figuras dançado, cantando, era bonito de mais. (SANTOS, 2017).

Na fala de Rosa Isaura Santos, destacamos primeiramente os personagens que faziam parte do Reisado, que são eles: os caretas, a burrinha, a velha do chapéu de fogo, a ema, o lobisomem e o boi. Estas figuras típicas do Reisado realizavam as danças e encenações. Cada uma das personagens recitavam seus versos e executavam suas cantigas. Os locais onde se realizavam os Reisados eram nas localidades rurais, nas serras<sup>8</sup>.

O Reisado era marcado pela execução de cantigas e recitação de versos. Ao chegarem às residências, o grupo que estava tirando o Reisado, logo se organizava em círculo e começavam cantar e dançar pedindo ao dono da casa para abrir a porta:

Oi de casa e oi de fora  
 E ô de casa e ô de fora  
 Menina venha ver quem é  
 E essa casa é bem feita  
 Do batente á cumieira (bis)  
 A porta dura ê, ê.  
 E que esta porta não quer abrir? (bis)  
 Bota a chave acenda a luz (bis)  
 Gostou do reisado? (sim)  
 Esta casa é bem feita por dentro e por fora não (bis)  
 Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo para sempre seja louvado.  
 Minha ama tá boa? Tô. nossa senhora da conceição gostou do reisado? (sim).

Analisando a letra da música acima, podemos concluir que o Reisado não deixa de ser uma manifestação também religiosa. Esse aspecto religioso é notório não apenas pelo período em que é realizado, que vai do natal ao dia de Reis, mas também na frase “Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado”. Esta expressão é usada sempre nas celebrações e missas. Percebemos também aspectos do catolicismo na evocação que se faz a Nossa Senhora da Conceição.

Dada a permissão pelo dono da casa para a entrada dos personagens, começava as danças e apresentações. Após abrirem as portas o boi era apresentado. Ao passo em que os

<sup>8</sup> Termo usado em Francisco Santos para fazer referência ao interior da cidade.

personagens iam se apresentando os caretas executavam os versos e músicas fazendo referência a cada figura. A entrada e apresentação da burrinha eram acompanhadas pela recitação dos versos:

A burrinha que meu ama me deu  
 Tem um buraquinho no cu,  
 Foi os ratos que roeu pensando que era beiju.  
 Tu trabalha minha burra nesta mesma região,  
 Dá de lá que eu dou de cá para o povo apreciar.  
 A burrinha da minha ama, como palha de arroz.  
 Me arrenego desta burra que não pode com nos dois. (bis)

Analisando os versos acima podemos perceber que embora o Reisado seja uma manifestação fortemente associada à religiosidade, percebemos em seus versos certos aspectos de profanidade, quando se é recitado algumas palavras, podendo ser considerado uma festa “sagrada” e “profana”.

Em seguida entrava a velha do chapéu de fogo, e posteriormente apresentava-se a ema, cada qual sendo acompanhada pelas suas respectivas músicas:

**Velha do chapéu de fogo:**

A velha chegou de chapéu de fogo  
 E ela quer dançar velha de chapéu de fogo  
 É pra vadiar chapéu de fogo  
 E ela levanta a saia velha de chapéu de fogo  
 E ela levanta os braços velha de chapéu de fogo  
 Penea a velha de chapéu de fogo  
 Ela é bonita chapéu de fogo  
 E ela quer se casar chapéu de fogo  
 E ela não acha com quem velha de chapéu de fogo  
 Ela vai embora de chapéu de fogo.

**Ema:**

E essa ema capa gente, Oh! chente, oh! Chente.  
 E ela capa derrepente, oh! chente, oh! Chente.  
 Ela quer me beliscar thi, thi, thi.  
 E essa ema capa gente, Oh! chente, oh! chente,  
 E ela capa derrepente, oh! chente, oh! Chente  
 Ela quer me beliscar thi, thi, thi.

A última figura a se apresentar era o lobisomem, nossas fontes orais ressaltam que este personagem era bastante divertido, sua interação e “briga” com os outros personagens agradava ao público que assistia. A encenação do lobisomem era acompanhada pela cantiga:

Valei-me nossa senhora, mãe de Deus da Conceição,  
 Que este bicho lobisomem tem a pintura do cão.  
 Essa noite a meia noite eu fui tirar caju maduro,  
 Esse bicho lobisomem tá querendo me pegar no escuro  
 Ai, ai, ai eu quero me esconder, ai, ai, ai eu quero me esconder.  
 Que esse bicho lobisomem tá querendo me comer. (3 vezes).

Sendo o Lobisomem a figura que faziam o gosto dos espectadores, conversando com nossas fontes orais, procuramos saber sobre como era o imaginário que a população tinha sobre o Lobisomem, quais as histórias que se contavam a respeito desse ser mitológico. Nossas fontes afirmam que o Lobisomem era um ser que provocava a imaginação de muitas pessoas, e estava ligado ao folclore local. Nas décadas de 1960 e 1970 contavam-se muitas histórias e lendas de assombrações, uma destas era sobre o Lobisomem. Rosa Isaura Santos (2003), em seu livro, *Francisco Santos é assim*, destaca que naquela época acreditava-se que as pessoas que vivem juntas por muito tempo sem se casarem, viram “bicho”, um desses era o Lobisomem.

O Reisado era uma manifestação que agradava a população franciscossantense e fazia a alegria de seus espectadores, através das falas e apresentação de seus personagens, estes vestidos a caráter de acordo com aquilo que estavam representando. Nas décadas de 1960 e 1970 era uma manifestação costumeiramente realizada e assistida pela população de Francisco Santos e atualmente é extinta da cultura popular da cidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que realizamos teve como objetivo analisar a cidade de Francisco Santos e as práticas cotidianas de seu povo a partir das produções literárias e dos relatos dos sujeitos históricos. Ao longo do primeiro capítulo pudemos perceber quão importante é a literatura, e como esta pode ser utilizada como fonte histórica.

No decorrer do primeiro capítulo ficou constatado como a literatura é uma fonte primordial para compreendermos aspectos cotidianos da cidade de Francisco Santos nas décadas de 1960 e 1970. Analisamos aspectos relacionados à religião, ao comércio e a educação. Como era de nosso intuito fazermos uma análise comparativa da cidade a partir da literatura e da memória, assim o fizemos, e pudemos perceber que há várias aproximações da cidade na visão dos literatos e na memória de seus moradores, pois todos os relatos orais eram basicamente um complemento das poesias, cordéis e crônicas que utilizamos nessa pesquisa.

Pudemos constatar que o povo franciscossantense é tido em outras regiões como sendo um bom vendedor, e o fato de sair para outras cidades e regiões para comercialização do alho, e sempre conseguir vender seu produto, fez com que muitas pessoas começassem a usar o termo “espiritado” para designar a tenacidade, a persistência e a coragem do povo de Francisco Santos. No título deste trabalho também utilizamos o termo “espiritado” para fazermos alusão à multiplicidade de práticas cotidianas e a diversidade de práticas culturais dos habitantes da cidade. O uso do termo teve ainda o objetivo de desconstruir a visão preconceituosa que algumas pessoas têm sobre o mesmo, atribuindo-o como sendo um xingamento.

Essa pesquisa nos possibilitou fazermos um estudo sobre as manifestações culturais na cidade de Francisco Santos. É preciso ressaltar que as produções literárias não oferecem nenhuma página que faça referência à cultura. Porém, como abordamos no segundo capítulo, as práticas e manifestações culturais estão bem presentes nos relatos orais dos sujeitos históricos, percebemos isso ao longo de nossas entrevistas, e decidimos dedicar um capítulo a trabalhar com essas manifestações. Primeiro, para provocar os literatos, no sentido de nunca terem tido o interesse em fazer produções relacionadas à cultura, visto que Francisco Santos nas décadas de 1960 e 1970 contava com manifestações culturais diversas. Segundo, para que pudéssemos deixar registros escritos sobre essas manifestações culturais, para que as futuras gerações possam ter uma visão de como era a cultura do povo de Francisco Santos no passado. E que possam sentir-se instigados a reviverem tais manifestações, tendo em vista que a tradição das manifestações, citadas nesta pesquisa, se perderam ao passar dos tempos.

Dessa forma, ao compararmos Francisco Santos das décadas de 1960 e 1970, com Francisco Santos de hoje, podemos concluir que atualmente é uma cidade sem nenhuma manifestação cultural popular.

Esse estudo acerca das práticas cotidianas e das manifestações culturais populares em Francisco Santos torna-se importante em termos históricos, pois, possibilitará aos habitantes da cidade e a gerações futuras compreenderem aspectos cotidianos da cidade do passado, a partir do diálogo estabelecido entre memória e literatura. Sendo assim, essa pesquisa é de grande relevância, pois ela possibilitará analisar e compreender as aproximações entre a visão dos literatos e a memória de um povo, em relação à cidade de Francisco Santos.

## REFERÊNCIAS

ATA da sessão solene de instalação do município de Francisco Santos (1960).

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BITTENCOURT, Circe Maris Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARVALHO. Maria Carleusa dos Santos Batista de. **Entrevista concedida à Cleovan de Sousa Ferreira**. Francisco Santos-PI, 20/05/2017.

CARVALHO. Rosa de Lima. **Entrevista concedida à Cleovan de Sousa Ferreira**. Francisco Santos-PI, 23/05/2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CORNELIO, P. S. C. **Reisado Careta**: brincadeira para louvar Santo Reis. São Luís: impresso por computador (fotocópia), 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo; Ática, 2000.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. (Obra publicada em 1936).

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIVRO DE TOMBO da igreja do Imaculado Coração de Maria (1950 e 1960).

MOURA. Antônio Borges de. **Entrevista concedida a Cleovan de Sousa Ferreira**. Francisco Santos-PI, 30/05/ 2017.

NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. **Revisitando a Cultura Popular no Piauí**: marcas do passado nas manifestações do presente. Apontamentos para a história cultural do Piauí; vários autores, Fundação de Apoio Cultural do Piauí – FUNDAPI – Teresina, 2003.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **O Catolicismo do povo**. In: AZZI, Riolando et al. A Religião do Povo. São Paulo: Paulinas, 1978. p.72-80.

POLLAK. Michael. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro, Estudos históricos, 1992.

\_\_\_\_\_. **Memória, esquecimento e silêncio**. Rio de Janeiro, Estudos históricos, 1989.

PONTES, Márcio de Araújo. **O Drama em si**: histórias e memórias de mulheres dramistas nas comunidades de Tucuns, Pindoguaba e Poços de Areias em Tianguá-Ceará. Fortaleza: Secult, 2011.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SALES, Lenite Maria da Rocha. **Entrevista concedida à Cleovan de Sousa Ferreira**. Francisco Santos-PI, 23/05/2017.

SANTOS. Rosa Isaura. **Entrevista concedida à Cleovan de Sousa Ferreira**. Francisco Santos-PI, 21/05/2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA NETO, Mariano da. **O município de Francisco santos**: estudo e memória. Teresina. COMEPI, 1985.

SILVA, João Bosco da. **Jenipapeiro: a terra dos Espritados**. Teresina-PI: gráfica Halley, 2010.

\_\_\_\_\_. **PLACEBO**. 2013.

\_\_\_\_\_. **Romanceiro dos versejadores e Repentistas de Jenipapeiro**. Teresina: UDUFPI, 2014.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida à Cleovan de Sousa Ferreira**. Francisco Santos-PI, 05/04/2017.

SOUSA, Ana Clara Santos. **As manifestações culturais e religiosas na cidade de Francisco Santos**. Monografia (Graduação em História), Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum** – Estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
(X) Monografia  
( ) Artigo

Eu, Illean de Sousa Ferreira,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Francisco Santos entre a literatura e a memória:  
práticas cotidianas na "terra dos espíritos"  
nas décadas de 1960 e 1970.

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 05 de Maio de 20 19.

Illean de Sousa Ferreira  
Assinatura